

OS ANJOS DE RAËL: UMA ANÁLISE DAS CONTRADIÇÕES ÉTICAS E ESTÉTICAS DA CONCEPÇÃO DE “FEMINILIDADE” NO MOVIMENTO RAELIANO

CARLY MACHADO*

Resumo: *a valorização do ‘feminino’ inerente à mensagem raeliana coloca em cena questões fortemente controversas. Se por um lado sugere-se no Movimento uma moralidade ‘libertária’ para as mulheres, por outro, convive com esta liberdade um projeto moderno de submissão consentida, representada pela Ordem dos Anjos de Raël - grupo de mulheres que voluntariamente se oferece, inclusive sexualmente, ao Profeta Raël. A adesão voluntária destas mulheres à Ordem e seu interesse no desenvolvimento da ‘feminilidade’, tido como um valor raeliano, são os principais focos deste artigo. A partir de uma breve releitura da antropologia feminista, são analisados aspectos pertinentes à questão da mulher principalmente nas culturas europeias ‘pós feminismo’. A tensão entre liberdade de escolha e submissão norteia esta análise que procura nos meandros das concepções modernas de individualidade e autonomia o sentido da escolha servil destas mulheres.*

Palavras-chave: *Feminilidade. Antropologia feminista. Religião. Modernidade.*

193 **P**rimero dia do Seminário Raeliano Europeu de 2005¹, em Barcelona, Espanha: procuro o setor de inscrições e lá confirmo meu registro no encontro, efetuo últimos pagamentos e recebo o material básico oferecido aos participantes do evento. O rapaz que me atende pergunta se é meu primeiro seminário e eu respondo que sim. Ele então me encaminha para uma outra mesa onde estão três mulheres entre 40 e 60 anos que começam a me explicar o motivo daquele convite especial: *A Ordem dos Anjos de Raël*. Elas me entregam textos que explicam a

Ordem e me convidam para uma reunião que aconteceria no dia seguinte para as mulheres interessadas em saber mais sobre o assunto. São muito cordiais, gentis e suaves² em suas falas e movimentos. Agradeço as explicações e confirmo presença na reunião no dia seguinte.

O Movimento Raeliano foi criado em 1973 por Claude Vourilhon, conhecido como o profeta Raël. Em sua profecia, Raël afirma que seres extraterrestres – segundo ele denominados “Elohim”³ - são os verdadeiros criadores da vida humana na Terra através de métodos científicos como a clonagem⁴. Responsável pela criação do Movimento e sua expansão por todo o Planeta, Raël divulga através da “Mensagem dos Extraterrestres” uma reinterpretação da origem da vida na Terra com uma roupagem científica que inclui um laboratório de clonagem chamado Éden, viagens espaciais e comunicações telepáticas, entre outros elementos. À Mensagem do profeta de 1973, novos elementos foram adicionados depois de mais de 30 anos do primeiro encontro de Raël. A Ordem dos Anjos de Raël é uma dessas novidades. Formada exclusivamente por mulheres, o objetivo desta Ordem é a preparação de companheiras para os Elohim quando de seu retorno à Terra⁵ e também de seu Profeta. Sendo assim, a condição de mulher no Movimento Raeliano é sempre diretamente atravessada pelas questões da Ordem dos Anjos, inclusive a de uma pesquisadora do Movimento, como eu.

Pensei que seria a única brasileira no Seminário Raeliano Europeu de 2005, mas assim que cheguei descobri que tinha companhia. Andressa, minha companheira de quarto brasileira, em poucos minutos de uma conversa introdutória logo me contou que era uma atriz pornô. Explicou-me que iria ficar 3 meses na Europa trabalhando e que Alberto, guia Raeliano no Brasil, é seu empresário. Andressa não é raeliana, sabe pouca coisa sobre o Movimento, mas aceitou o convite de Alberto para participar do Seminário e depois seguir trabalhando na região.

Ainda no primeiro dia do Seminário, em um momento de apresentação, todos que participavam pela primei-

ra vez daquele encontro foram convidados a se apresentarem diante da plateia de aproximadamente 600 pessoas dizendo nome, país de origem e como conheceu a Mensagem de Raël. Quando Andressa se prepara para falar, Alberto se posiciona para traduzi-la para o francês. Ela então diz seu nome, que é do Brasil e atriz pornô. A reação da plateia é imediata. Aplausos, vivas, todos vibram com esta informação que Andressa havia inesperadamente decidido divulgar na frente de todos os participantes do evento. Sob aplausos ela desce do palco.

Havia então chegado o momento de minha apresentação, logo depois de Andressa. Digo meu nome, que também sou do Brasil e continuo: “mas eu não sou uma atriz pornô, por motivos óbvios!”. Faço isso apontando para o meu corpo e indicando meu perfil físico acima do peso médio para um padrão de beleza convencional da indústria cinematográfica de filmes pornográficos. Todos riem. Dou continuidade à minha apresentação explicitando minha posição de pesquisadora interessada no movimento, saúdo os grupos que eu já conhecia (Bélgica e Londres), saúdo Raël, e desço do palco num clima de descontração da plateia. Assim ficamos conhecidas: as duas “meninas” do Brasil – a atriz pornô e aquela que “por motivos óbvios” não era atriz pornô e que para muitos era traduzida por um misto de pesquisadora e interessada no movimento.

O objetivo central deste artigo é analisar a concepção de feminilidade presente no movimento raeliano e o impasse entre a valorização da feminilidade e a sugestão da subserviência nas crenças e práticas deste grupo Europeu, mais especificamente francês. O movimento raeliano desenvolve sua cosmologia ancorado em concepções modernas como liberdade, individualidade, autonomia e, de posse deste arsenal conceitual, propõe uma concepção peculiar de liberdade na qual a possibilidade absoluta de escolha pode levar a uma prática irrestrita da sexualidade e, por vezes ao mesmo tempo, ao oferecimento sexual ao Profeta. Os Anjos do movimento raeliano europeu são mulheres de classe média e média alta que decidem conscientemente desenvolver sua feminilidade e

oferecer-se sexualmente a Raël, fazendo parte da Ordem dos Anjos. Apesar dos argumentos de “manipulação mental” e “lavagem cerebral”, frequentes nos debates sociológicos acerca da adesão de mulheres às “seitas” e seus “gurus”⁶, a intenção deste artigo é analisar os sentidos inerentes à adesão destas mulheres à Ordem dos Anjos e o argumento da “escolha” como mote moderno de uma religiosidade contemporânea. Assim, como fio condutor desta análise, proponho minha experiência de campo ao lado de Andressa, atriz pornô brasileira, e a peculiaridade do que se revelava através dela acerca da feminilidade e do lugar da mulher no Movimento Raeliano. Sugiro ainda uma reflexão conceitual baseada na antropologia feminista, a fim de inserir neste debate uma articulação entre o “feminino” raeliano, a mulher na antropologia e os argumentos centrais ao Movimento Feminista, sugerindo aproximações, controvérsias e impasses nesta articulação.

SOBRE AS MULHERES E O “FEMININO” NA MENSAGEM RAELIANA

Na noite do primeiro dia do Seminário Raeliano Europeu de 2005 aconteceu um pequeno show⁷ com apresentações de música e dança: alguns dos participantes eram profissionais, outros amadores, mas todos orgulhosos de se apresentarem diante de Raël. Após o show um “Anjo” se aproxima de Andressa. É possível identificar os Anjos por usarem um colar com penas, geralmente brancas. Ana, o Anjo, fala diretamente com Andressa que não entende sua intervenção em inglês e me pede para traduzir a conversa – esta dinâmica se repetiu diversas vezes no seminário e me proporcionou muitos momentos interessantes para a pesquisa. Ana pergunta a Andressa se ela quer conhecer o Profeta. Andressa que pouco se interessa pelo movimento instantaneamente me dirige um olhar interrogativo: eu digo a ela que vá, pois naquele contexto o convite era uma grande honra. Ela então diz que sim, mas pede que eu vá para traduzi-la. Ciente de meu interesse de

pesquisa, Andressa aceitou o convite em grande parte para me levar com ela para perto de Raël. Essa cumplicidade conduziu diversas situações de minha pesquisa de campo durante o seminário e ajudou em muito o meu trabalho. Ana continua a conversa sempre falando muito suavemente, quase sussurrando, e cada movimento e gestos seus são de uma enorme delicadeza. Diz que precisamos esperar que o profeta nos chame⁸. Ana, então, se aproxima primeiro e retorna dizendo que Raël prefere falar com Andressa em espanhol, dispensando assim minha presença. Andressa quase desiste, mas com meu apoio vai e é convidada a sentar-se ao lado de Raël em sua primeira noite de seminário.

Não pude identificar ao certo se a iniciativa de convidar Andressa foi de Ana ou do próprio Raël através dela: durante todo este primeiro dia, após a surpreendente revelação de Andressa, diversos Anjos haviam se aproximado dela dizendo admirar sua beleza, manifestando apoio à sua coragem de revelar-se atriz pornô, e mesmo querendo “conhecê-la melhor”. Andressa vivia estas experiências sem entender ao certo o que se passava. Para mim, cada movimento em torno dela apresentava um pouco mais a dinâmica característica que se desenvolve com as do movimento raeliano, especificamente em torno da Ordem dos Anjos.

A Mensagem dos Elohim:

The Order of Rael's Angels is officially set up during the Canadian seminars of July 52. It is a religious order gathering young women members of the Raelian Religion who are legally of age. They will have the fulltime responsibility of serving their Creators, the Elohim, and the Great Prophets who will accompany them, such as Moses, Jesus, Buddha and Mohammed during their stay in the Embassy, seeing to their comfort at every level. Meanwhile, they will prepare themselves to this long awaited day by being at the service of the Last Prophet, Raël and by tending to his well being whenever necessary, for example at the monthly gatherings, seminars or meetings.

Raël's Angels will be chosen by the Guide of Guides among those who will demonstrate their desire to be a part of this order.

The selection criteria are as follows, in order: religiosity, discipline, serenity, harmony, purity, humility, charisma, inner and outer beauty. Physical beauty is an important criterion because we, Elohim, though we have an infinite love for all human beings whatever their appearance, prefer to be surrounded as it is noted in the Bible, by individuals of great beauty corresponding to the absolutely perfect original models of the different races that we once created on Earth...

Raël's Angels will also have the goal of spreading the messages but while trying to find new Angels by instilling a calling among the young women they meet in society.

O mais perto que cheguei da Ordem dos Anjos foi na reunião agendada para o segundo dia do Seminário, aquela para a qual fui convidada, assim como todas as mulheres que participavam do evento pela primeira vez, ainda quando de minha chegada no primeiro dia de Seminário. Um grupo de Anjos esperava as novas interessadas. Eram aproximadamente 7 anjos e 12 interessadas. Entre os Anjos, boa parte do grupo que ali estava era de mulheres acima de 40 anos. Todas usavam os colares com as penas brancas ou rosas e apenas uma se vestia calça comprida: todas as demais trajavam saias. Os anjos se dividiam em função das línguas faladas pelas interessadas. Uma delas que coordenava o encontro falava em todas as línguas necessárias para aquele momento – francês, inglês e italiano. Aos poucos a tradução passou a ser compartilhada pelos outros Anjos, e a conversa se desenvolveu de maneira mais descentralizada. Todas as interessadas haviam lido os textos explicativos e apresentavam suas dúvidas. Diversas questões foram abordadas em debates por vezes muito intensos. Dentre as perguntas mais polêmicas estavam a exclusividade de mulheres (ou seja, a ausência de homens) na Ordem, a ideia de que os Anjos devem colocar-se “a serviço” de Raël e dos Elohim e a questão da “beleza”

como critério de pertencimento. No entanto, certamente o tema mais controvertido em relação à Ordem, e muito questionado pelas novas interessadas, são as diferentes categorias de “Anjos” e de que maneira o oferecimento sexual (por vezes exclusivo) ao Profeta se coloca nestas categorias.

Segundo Raël, a mensagem sobre a Ordem – da qual o pequeno texto acima transcrito é parte integrante – foi a ele revelada pelos Elohim em 52 AH¹⁰. No entanto, em 57 surge uma nova mensagem apresentando mudanças no texto original. A partir daquele momento as mulheres que se candidatam à Ordem devem fazer uma de três escolhas: ser *Plume Blanche*, *Cordon Doré*, ou *Plumes Roses*. Se todas as candidatas a *Plume Blanche* tendem a ser aceitas, as *Cordon Doré* devem ser selecionadas de maneira muito criteriosa. Ser uma *Cordon Doré* significa estar pronta para servir aos Elohim e ao Profeta sem nenhuma restrição, inclusive sexual. As que assim desejarem podem se candidatar, mas só o Profeta define as escolhidas. Já as *Plumes Roses* (Chosen One’s, em inglês), também selecionadas por Raël, escolhem dedicar exclusividade sexual aos Elohim e aos Profetas. “O Guia dos Guias decidirá se ele as aceita como ‘Elohim’s Chosen Ones’. Elas serão reconhecidas por usarem penas cor-de-rosa, e se comprometerão a não ter nenhuma relação sexual a não ser com os Elohim e seus profetas”¹¹.

Além da Ordem dos Anjos especificamente, a temática do “feminino” é muito presente em toda a cosmologia raeliana. Ao longo de sua Mensagem, Raël faz referências à noção de feminilidade como uma característica central dos Elohim, “as criaturas mais femininas”, sendo a concepção de *feminilidade* associada na cosmologia realiana às ideias de suavidade, delicadeza, beleza, harmonia, refinamento, sensualidade, entre outras. Raël afirma que as pessoas devem rejeitar a violência e a agressão presentes na Terra, e que isso só será possível se homens e mulheres aprenderem a desenvolver suas qualidades femininas, sua feminilidade.

No entanto, a mensagem dos Elohim é sempre apresentada por Raël através de um sujeito do discurso no

masculino. Nenhuma Elohim mulher toma a palavra ao longo dos livros nem aparece como sujeito dos eventos descritos. Quando aparecem, as mulheres são em geral colocadas como alvo de admiração estética e parceiras na busca de prazer. Seu lugar normalmente é o de companheiras – *companions*. Em sua primeira aparição no livro de Raël, as mulheres Elohim são apresentadas como “*companheiras dos criadores*”. Afirmar ainda Raël em sua “tradução científica” do Gênesis, “Quando os homens começaram a multiplicar-se sobre a Terra, e deles nasceram filhas, os filhos dos Elohim viram que as filhas dos homens eram belas. Tomaram para si mulheres de entre todas as que eles tinham escolhido (Gênesis, VI 1-2)” (RAËL, 2003a, p. 29).

Já no relato de sua visita ao planeta dos Elohim, Raël faz referência à existência de robôs biológicos: “corpos humanos, mas sem personalidade, que servem os Elohim em todos os sentidos, materiais e sexuais”. Estes robôs biológicos têm seus corpos moldados com *perfeição e profunda beleza*, de acordo com a vontade de seus criadores. Raël descreve então sua experiência sexual com seis mulheres robôs, oferecidas a ele no planeta dos Elohim. Elas teriam sido criadas diante de seus olhos, dentro dos parâmetros da *beleza ideal de cada raça* – nos termos de Raël - registrados em um computador. A primeira era uma morena, a segunda uma loira, a terceira uma ruiva – “mais sensual do que as duas primeiras”. Depois foram ainda apresentadas a Raël uma negra, uma chinesa, e outra mulher asiática. Ele diz que teve com esses robôs biológicos a mais incrível noite de amor de sua vida.

Na descrição de Raël, homens e mulheres Elohim são livres em suas relações amorosas. Não existe casamento nem ciúme e se uma pessoa não sente vontade de se relacionar sentimentalmente com outra, basta ter robôs biológicos para sua satisfação sexual. Esta concepção de relacionamentos abertos, sem ciúmes e baseados na liberdade é a proposta do movimento para seus todos os seus adeptos. Liberdade é um conceito chave no movimento raeliano, e no que diz res-

peito às mulheres, um conceito controverso e contraditório que inclui legítimas liberações, mas também fortes formas de submissão.

Raël promove a ideia de que, com o desenvolvimento tecnológico, as mulheres estão livres do *imperativo* de ter filhos. Na verdade, mesmo engravidando, Raël “libera” as mulheres da responsabilidade sobre os filhos que gera. Diz que se uma mulher resolve não querer criar seu filho, melhor entregá-lo a outra família ou mesmo a uma instituição que possa fazê-lo com mais dedicação e amor, e isso sem culpa.

Uma criança é uma realização recíproca. (...) É necessário portanto guardá-la conosco somente se a sua presença nos dá prazer e nos desenvolve. Senão é preciso pô-la em estabelecimentos que a sociedade deve construir para as desenvolver sem o menor arrependimento, mas pelo contrário com uma alegria profunda que deve ser a da pessoa que confia a sua criança a pessoas que podem melhor do que ela se ocupar e desenvolver essa pequena criança (RAËL, 2003a, p. 143).

Os métodos de criação da vida humana através da clonagem são também apresentados por Raël como formas de libertação para as mulheres. De acordo com o Profeta, prevenindo ao mesmo tempo em que profetiza o futuro da humanidade, através do método de crescimento acelerado¹² a gestação se tornará dispensável e as mulheres estarão livres do “castigo da gravidez”. Ainda sem a disponibilidade destes recursos, Raël defende os métodos de contracepção e o aborto como conquistas libertadoras para a mulher na sociedade contemporânea. “Se procuras somente o prazer do teu corpo, por conseguinte o da tua mente, utiliza os meios que a ciência pôs ao teu alcance, ou seja, a contracepção” (RAËL, 2003, p. 142).

A mulher pode agora, graças à ciência, desenvolver-se sensualmente com liberdade, sem ter receio do castigo da gravidez. A mulher é finalmente igual ao homem, porque pode na verdade apreciar o

seu corpo, sem ter medo de suportar sozinha as conseqüências não desejadas dos seus atos (RAËL, 2003, p. 141).

Se por desgraça concebeste um filho sem o desejar, utiliza os meios que a ciência põe ao teu serviço: utiliza o aborto. Porque um ser que não foi desejado no momento de sua concepção não pode ser realizado, visto que não foi concebido em harmonia (RAËL, 2003a, p. 142).

Se as mulheres não falam no texto da mensagem, Raël além de falar sobre elas passa a falar com elas, indicando chaves de libertação feminina (The Keys) e desprogramação de comportamentos tradicionais que aprisionam as mulheres há séculos. Dentre estas chaves de libertação feminina inclui-se ainda a negação do casamento, onde mais uma vez Raël fala às mulheres: 'Escolherás livremente o teu companheiro, se desejas um. O casamento, quer seja religioso ou civil, é inútil' (RAËL, 2003, p. 143).

“Livre” da responsabilidade sobre os filhos, para realização do aborto e para a escolha de um companheiro sem o imperativo do casamento, a mulher no movimento raeliano recebe o apoio oficial para os temas mais controvertidos que acompanham sua história de opressão. A libertação da mulher é um tema constante no argumento público do movimento e a difusão da mensagem entre as mulheres um alvo preferencial, especificamente para a Ordem dos Anjos.

UMA ATRIZ PORNÔ E UMA PESQUISADORA DO BRASIL NO SEMINÁRIO EUROPEU – DESDOBRAMENTOS DE UM ENCONTRO INESPERADO

O Seminário Raeliano Europeu de 2005 foi o primeiro com a presença de pessoas do Brasil, ou melhor, mulheres do Brasil. Além desta ocasião, apenas uma mulher brasileira havia estado presente em um seminário raeliano, mas no Canadá, não na Europa. Éramos duas brasileiras, conforme a apresentação realizada no início do texto: Andressa e eu. An-

dressa atravessa todo o seminário lidando com a marca de sua revelação do primeiro dia: o fato de ser uma atriz pornô. Eu conseqüentemente caracterizo-me então como “a outra brasileira”, que não a atriz pornô, e em diversos momentos acompanhando e traduzindo a atriz.

Conforme apresentado anteriormente, em seu primeiro dia de Seminário Andressa foi convidada a estar ao lado de Raël. Alguns valores raelianos começam a se apresentar mais claramente: ser mulher, bonita e de alguma forma trabalhar com sua sensualidade e sexualidade facilita a proximidade de Raël. O gênero, e mais especificamente a estética, são elementos que influenciam os ângulos de contato de uma mulher com o movimento raeliano, e isto não é diferente com uma pesquisadora.

Em diversas oportunidades Andressa esteve mais próxima de Raël e dos Anjos do que eu consegui em todo meu trabalho de campo, mesmo após inúmeras tentativas. Sem nenhum interesse ou iniciativa, ela teve várias ocasiões de contato com pessoas centrais da Estrutura do movimento. Eu que, no entanto, tinha profundo interesse nestes contatos, não os consegui com tanto sucesso. Aproximar-se dos membros superiores da Estrutura não é tarefa fácil. Para Andressa, no entanto, foi absolutamente simples.

O que fez desta dinâmica algo peculiar, foi minha proximidade com Andressa. A cada ocasião de contato com Raël ou outra situação que ela interpretava como “interessante para minha pesquisa”, Andressa me relatava suas experiências buscando cooperar com elementos para meu estudo. Além desses momentos em que estava sozinha, Andressa também me chamava para traduzi-la em todas as ocasiões em que eu estava por perto: neste segundo caso, estive intermediando diversas vezes conversas entre ela e alguns Anjos.

As reações e sensações de Andressa também me despertaram interesse: ela que convivia no meio de produções pornográficas estranhava a relação de submissão dos Anjos com Raël, bem como a forma como elas buscavam conquistá-

la para a Ordem. Na primeira noite em que estive ao lado de Raël, após o *strip tease* realizado por um dos Anjos, o profeta perguntou a Andressa se ela não queria também fazer uma apresentação para ele. Esta recusou o convite procurando não ofendê-lo mas, me contando a situação, disse: “se ele quiser ver meu strip tease tem que me pagar! Por que eu faria isso de graça para ele?”. Andressa que não era raeliana, e fazia da sensualidade e da sexualidade seu trabalho, não compreendia a disponibilidade dessas mulheres em servir gratuitamente Raël, entendendo isso sim como uma forma de submissão das mulheres a um homem, diferente de seus shows e filmes que eram uma forma de trabalho.

Os Anjos rodearam Andressa durante todo o Seminário. Algumas tinham interesse pessoal nela: a relação entre mulheres é comum na Ordem. Parte significativa do desenvolvimento da sexualidade dos Anjos se dá no contato entre mulheres, visto que os homens para os quais elas se preparam são o Profeta e os Elohim, mais nenhum. Assim, a bissexualidade é o perfil da Ordem, e entre elas a homossexualidade uma prática. Traduzi diversas “cantadas” de Anjos que queriam “conhecer Andressa melhor”, bem como elogios à sua beleza e admiração pela sua coragem em revelar-se atriz pornô. Existem indicações¹³ de que entre os membros do movimento raeliano existem diversas pessoas que atuam no meio pornográfico seja como produtores, empresários, atrizes, ou dançarinas. Mais uma cisão de gêneros: as mulheres atuam, os homens produzem.

Os Anjos constantemente tentavam captar Andressa para a Ordem. Desde o primeiro convite para conhecer o Profeta, em diversas ocasiões os Anjos perguntavam a Andressa se ela conhecia a Ordem e se havia entendido a Mensagem especial para as mulheres que esta Ordem representava. Andressa ouvia atentamente as explicações, mas sempre me contava depois sobre elas com um ar de irritação: de certa maneira sentia-se ofendida com o convite. Raël convidou pessoalmente Andressa a fazer parte da Ordem: ele escolhe suas *Cordon*

Doré, e demonstrou interesse explícito de que ela fizesse parte deste grupo. Raël e seus Anjos “reconheciam” em Andressa um Anjo fora da Ordem: sua beleza e sua “liberalidade” sexual (confirmada pela atuação no meio pornográfico) operavam como sinais de identificação de sua condição de “Anjo” ainda não descoberta. Parecia para eles que seria “lógico” convidá-la a fazer parte da Ordem, e realmente seria, desde que ela fosse raeliana. Mas Andressa não era.

Mesmo assim, Andressa circulou livremente entre os Anjos e Raël e através de suas histórias, e das situações que passei ao lado dela, pude conviver com uma face do movimento raeliano que eu nunca veria sozinha. É perceptível a restrição no espaço de circulação de uma pessoa que não se coaduna ao padrão de beleza raeliano. Por Andressa conseguir estar mais próxima de pessoas que me interessavam na pesquisa, durante minha imersão no campo percebi-me em diferentes momentos desejando “ser mais bonita” para conseguir atingir estes contatos. Da mesma forma em relação à Ordem, “se eu fosse mais bonita” conseguiria mais interesse por parte dos Anjos, e assim teria acesso a mais dados sobre o grupo.

Estas sensações me permitiram constatar “na pele” a importância da beleza como linguagem de contato no movimento raeliano, especificamente para as mulheres¹⁴. Mesmo em um jogo por vezes delicado em relação à minha auto imagem e auto estima, percebi que me sentia mal por não ser tão bonita quanto Andressa e, se eu me sentia assim, quantas outras mulheres não poderiam sentir o mesmo ao fazer parte do Movimento. Quando eu estava ao lado de Andressa, todos se aproximavam com a intenção de falar com ela. Eu era apenas uma intermediária para aqueles que queriam saber mais sobre ela, o que exatamente ela fazia, se eu poderia apresentá-los, enfim, eu era praticamente uma “agente” ou “secretária” d’*Ela*. Vale destacar que Andressa nunca gostou dessa situação, e sempre foi muito atenciosa comigo, evitando que eu ficasse incomodada com estes fatos. Mas era inevitável reconhecer que era desconfortável pra mim o fato de sentir-me “transparente”

ao lado de Andressa. Assim, fui notando os diversos momentos em que me sentia capturada pelo jogo da estética e da sedução, sentindo dúvidas e inquietações sobre minha condição de mulher naquele contexto.

Ser uma pesquisadora no movimento raeliano, estar ao lado de Andressa e investigar a Ordem dos Anjos fez com que eu me identificasse diretamente com a condição de “halfie” analisada por Abu-Lughod (*apud* LEWIS, 2006). Minha posição “meio” implicada se evidencia em minha a condição de mulher e a forma como esta foi capaz de suscitar articulações íntimas entre a pesquisa e minha história de vida. Ser “halfie” mexe diretamente com três aspectos cruciais de um trabalho antropológico: posicionalidade, audiência e o poder inerente da distinção entre si mesmo e o outro. Diz Abu-Lughod (*apud* LEWIS, 2006, p.155): “*What happens when the ‘other’ that the anthropologist is studying is simultaneously constructed as, at least partially, a self?*”

Eu não esperava me deparar com esta questão no campo de pesquisa que havia escolhido. Ao analisar primordialmente grupos raelianos europeus, parecia improvável ser tocada por aspectos que me implicassem mais profundamente com meus “pesquisados”. Mas minha condição de mulher revelou-se um elemento marcante neste processo. Explícito ainda que não falo de uma posição feminista, mas de minha condição “feminina”.

Analisando tais sentimentos, percebo que me envolvi em uma dinâmica significativa para a compreensão do papel da mulher dentro do movimento raeliano. Beleza, juventude, sensualidade, “feminilidade” são chaves de contato e relacionamento que podem abrir ou fechar portas. A presença de Andressa me fez ter acesso a portas as quais provavelmente eu nunca nem chegaria a saber que existiam. No entanto, ao perceber tais chaves, me senti incomodada por não dominá-las e por isso estar excluída de determinadas oportunidades. Minha reação em algumas situações foi tentar aproximar-me dos modelos estéticos que eu podia identificar, dedicando cuidados extras na es-

colha de roupas, maquiagem, perfumes, e mesmo movimentos e comportamentos para incluir-me melhor na expectativa de feminilidade do movimento. Percebo assim a força do modelo de feminino que se apresenta, e a maneira como ele captura inesperadamente uma mulher aparentemente sem o perfil de sentir-se afetada por ele, como eu. Fica assim um pouco menos estranho compreender o envolvimento das mulheres do movimento com a Ordem. Lá é possível aprender esta estética, e assim sentir-se incluída neste mundo da feminilidade raeliana, e conseqüentemente admirada dentro do movimento.

A ORDEM DOS ANJOS DE RAËL

Conforme apresentado no início deste texto, a Ordem dos Anjos foi criada em 52 AH (1998) a partir da Mensagem recebida “diretamente dos Elohim” por Raël¹⁵. É a única Ordem separada dentro do movimento e suas atividades são fechadas e exclusivas para as mulheres, o que é por estas considerado um privilégio. Os Anjos são instruídos a não revelarem o que se passa nas atividades da Ordem, e esta atitude é mantida com rigor.

A missão da Ordem é o desenvolvimento da feminilidade. Isso se dá através da preparação dos Anjos em atividades e seminários que acontecem apenas para elas. A partir dos Anjos então, deve se dar a difusão deste refinamento entre todos aqueles atingidos por suas ações. Além disso, as mulheres da Ordem devem receber os Elohim e os Profetas, preparando-se para serem suas acompanhantes em todos os sentidos, inclusive sexuais. Enquanto aguardam sua chegada, a responsabilidade dos Anjos é cuidar de Raël, “*Our Beloved Prophet*” – “*Notre Prophète Bien Aimé*”.

A primeira vez em que pude presenciar a dinâmica de funcionamento da Ordem foi no seminário – conforme apresentado no início deste texto. Das mulheres presentes neste encontro (40% das inscrições, aproximadamente 240 mulheres), a grande maioria é de Anjos. Ao invés de usarem

a estrela símbolo do Movimento no colar, elas usam penas: brancas para as *Plumes Blanches*, brancas em um cordão dourado mais grosso para as *Cordon Doré* e rosas para as *Plumes Roses*. O número de *Cordon Doré* no seminário girava em torno de 20 a 30 mulheres, e das *Plumes Roses* pude identificar aproximadamente 5. As *Cordon Doré* são certamente as mais bonitas da Ordem. Eram mulheres de diversos tipos, e muitas vezes seguindo a lógica das “mais bonitas de cada raça”, como Raël indica em seus livros: loiras, morenas, ruivas e negras. Já as *Plumes Roses* foram uma surpresa para mim: com exceção de Sophie – companheira de Raël - que se caracterizava por sua beleza, as demais *Plumes Roses* que pude identificar no Seminário eram mulheres sem atrativos físicos típicos da beleza cultivada por Raël: duas bastante acima do peso e uma senhora mais velha que, apesar de jovial e charmosa, devia possuir aproximadamente 70 anos. Percebo então que provavelmente poucas mulheres se oferecem como *Plumes Roses*, levando Raël a aceitar todas as interessadas.

Dependendo do nível de cada Anjo na estrutura, elas possuem títulos diferentes dentro da ordem e usam em seu colar o número de penas referentes a este nível.

Nível 6 – Arcanjo Superior

Nível 5 – Arcanjo

Nível 4 – Anjo Superior

Nível 3 – Anjo Oficial

Nível 2 – Anjo Assistente

Nível 1 – Anjo Estagiário

De acordo com Palmer (2004), em fevereiro de 1999 – menos de um ano após a criação da Ordem - o movimento raeliano revelou uma lista de anjos, e sua distribuição no mundo. Havia 171 anjos distribuídos internacionalmente: 105 estagiárias, 56 assistentes, 8 anjos, e 2 anjos superiores. A maioria delas era de *Plumes Blanches* – 155: 41 na América do Norte, 62 na Europa, 6 na Oceania, e 45 na Ásia. 10 delas

eram Cordon Doré, todas estas dos Estados Unidos e havia apenas 6 Plumes Roses: 4 na América do Norte, 1 na Europa e 1 na Ásia.

Já em 2002, este número era ainda maior, somando 347 Anjos, distribuídos nos diferentes níveis conforme a Tabela 1 :

Tabela 1: Variedade de anjos

	Nível	Plumes Roses	Plumes Blanches	Cordon Doré
Arcanjo Superior	6	0	0	0
Arcanjo	5	5	0	0
Anjo Superior	4	2	2	0
Anjo Oficial	3	2	10	4
Anjo Assistente	2	4	100	8
Anjo Estagiário	1	4	198	8

Fonte: Palmer (2004, p. 141).

Este número parece aumentar significativamente. Mesmo sem dados atualizados, verifico empiricamente pelo Seminário Europeu de 2005 que a quantidade de Anjos já aumentou bastante desde 2002.

Durante o seminário, além da reunião aberta a novas interessadas, aconteceram diversas reuniões fechadas da Ordem e de seus diferentes grupos. Ao longo das demais atividades do encontro, em diferentes momentos os Anjos fazem-se presente: ao redor de Raël providenciando seu bem-estar, servindo de apoio nos exercícios conduzidos por Brigitte Boisselier⁶, e ainda participando das festas e shows noturnos, em geral com danças sensuais, strip teases e *performances* de nudismo.

A partir do contato com o organizador de um site contrário ao movimento raeliano (www.zelohim.org) tive acesso ao *Manuel por les Geishas des Elohim*. Este documento condensa as orientações básicas para uma nova *Cordon Doré*, “pour leur permettre de développer leur art”. O Manual apre-

senta as qualidades de um Anjo: Religiosidade, Disciplina, Serenidade, Harmonia, Pureza, Humildade, Carisma, Beleza Interior, Beleza Exterior.

Na introdução do Manual, Raël afirma:

Votre mission est de toujours trouver des anges plus jeunes et plus beaux physiquement tout en augmentant en vous votre niveau de conscience, votre sagesse par les former, les préparer. À leur tour ces jeunes qui sont, ont été ou seront pendant un certain temps, pendant un instant, cordon doré, cordon qui va passer à d'autres plus jeunes, ils vous faut être très humble et très sage pour passer le cordon quand le temps sera venu. Quel merveilleux contournant que les plus sages vieillissent et supervisent les plus belles physiquement. Les Anges sont une équipe que s'entraide. La satisfaction que vous aurez, si vous êtes devenu vieille et que si c'est une jeune que vous aurez trouvé, qui passera les portes de l'ambassade, sera immense (Manual).

Ao longo do manual diversas instruções comportamentais e estéticas são dadas aos Anjos, sob o título de “*L'art des Geishas*”¹⁷: cuidados com a alimentação, orientações cosméticas detalhadas sobre a arte da maquiagem - indicando cores, desenhos, intenções para cada parte do rosto, sempre sugerindo a discrição e a sensualidade -, dicas de depilação, cuidados com a pele, os dentes, além de instruções voltadas para a arte da sensualidade - a estimulação dos sentidos através da meditação e da educação sensual - e para a arte da sexualidade - conhecimento do corpo, a masturbação como uma etapa indispensável, conhecimento do outro, ensinamentos sobre amor e egoísmo. O manual oferece ainda modelos para a arte da comunicação e do uso da linguagem verbal e não verbal, gestos, roupas, e finalmente a arte do serviço, destacando o silêncio e a discrição como atitudes fundamentais.

Os Anjos vivenciam em seus encontros exercícios preparatórios responsáveis pela concretização e incorporação desta revisão detalhada de comportamentos “femininos” propostos

pelo movimento. Desta maneira, as mulheres da Ordem adotam tal padrão de feminilidade como referência de refinamento e desenvolvimento pessoal. A noção de liberdade neste momento se colapsa: as mulheres não se desenvolvem de acordo com seus próprios modelos, mas sim seguindo um perfil do “feminino” delineado por Raël. Além disso, liberdade e serviço formam uma díade bastante controversa no ethos raeliano. Para estas mulheres, servir é uma honra e uma escolha, e o discurso da liberdade de escolha é seu argumento imediato quando questionadas sobre sua submissão a Raël, mesmo diante de compromissos tão subalternos quanto os assumidos dentro da Ordem. As Cordon Doré, assim como as Plumes Roses, assumem colocar a vida do Profeta como prioridade em todos os sentidos, estando dispostas a abrirem mão de tudo em sua vida particular em nome do Profeta.

As mulheres do movimento, principalmente os Anjos, são o exemplo mais claro da maneira como a cosmologia raeliana se apresenta no corpo de seus membros. Elas são literalmente modeladas para expressarem em cada escolha comportamental e estética as noções de feminilidade como refinamento e sinônimo de desenvolvimento da consciência, tal como definido por Raël.

“FEMININO”, FEMINISMO E ANTROPOLOGIA: PARA ENTENDER A MULHER NO MOVIMENTO RAELIANO

As questões relacionadas à mulher e ao “feminino” no movimento raeliano estão articuladas com problemáticas comuns ao movimento feminista e à antropologia feminista. Longe de pretender dar conta de uma releitura aprofundada da questão da mulher na literatura antropológica, pretendo analisar temas cuja interface com o movimento raeliano ofereçam bases para as questões aqui suscitadas. Visto que a antropologia feminista convida pesquisadoras a explicitar seus lugares, considero importante esclarecer que as temáticas fe-

ministas não se colocavam como foco inicial deste trabalho. Se desde o início pude identificar minha implicação explícita com temáticas da relação ciência, religião, mídia e tecnologia, a questão da mulher não se colocava em minhas perspectivas iniciais. No entanto, o campo me impôs esta temática a partir do momento em me envolvi nas relações com diferentes grupos raelianos. Inicialmente, minha condição de mulher pesquisadora é desafiada pela linguagem da sensualidade e da sedução que marca o dia a dia em grupos raelianos. Ainda mais profundamente, além do desafio das relações, a questão do “feminino” como modo de comportamento e os modelos de “feminilidade” sugeridos pelas ideias raelianas me atingem intimamente, suscitando-me reflexões e ações resultantes de minha imersão em suas crenças, seus valores e suas práticas.

Conforme vem sendo delineado neste artigo, a questão do “feminino” no movimento raeliano se apresenta sob diferentes formas: sob um ponto de vista mais ideológico, o feminino coloca-se como um dos eixos significativos sobre o qual se constrói a cosmologia criada por Raël em seus livros; já em uma perspectiva mais vivencial, reúnem-se propostas e exercícios de desenvolvimento da feminilidade como sinônimo de evolução pessoal. Tais ideias e vivências raelianas espelham problemáticas centrais à antropologia dita feminista.

Uso o termo antropologia feminista para delimitar um campo de pesquisas antropológicas com especial ênfase para as questões da mulher em sociedades Ocidentais e não Ocidentais. Esta perspectiva antropológica inspira-se diretamente nos movimentos de liberação feminina do final da década de 60, início de 70. Sendo assim, desde seu surgimento, tais pesquisas são alimentadas por objetivos acadêmicos embebidos por um sentido político de “denúncia” da condição de vida de mulheres ao redor do mundo. Por este posicionamento político, desde seu surgimento a antropologia feminista convive com dilemas específicos: pesquisa e denúncia, investigação e ação não representam convivências fáceis no campo da pesquisa acadêmica antropológica e suscitam impasses frequen-

tes. Destaco, no entanto, que esta condição atribulada faz da antropologia feminista um cenário rico em questionamentos acerca da antropologia e suas práticas, garantindo um cerne de angústia vital ao bom exercício metodológico ao provocar continuamente perguntas acerca da posição do pesquisador, das concepções de natureza e cultura “naturalizadas” na antropologia e dos desdobramentos e consequências das pesquisas nesta área na vida em social.

Tomando a Ordem dos Anjos de Raël como ponto máximo das contradições suscitadas pela questão da mulher no movimento raeliano, torna-se fundamental analisar temas pertinentes a uma antropologia feminista, tais como assimetria e subordinação entre os gêneros, a questão da relação entre culturas *ocidentais* e *não ocidentais* nas pesquisas sobre mulheres, igualdade e diversidade como tensão inevitável, empoderamento, corpo, reprodução, medicina, além da “posicionalidade” como questão na pesquisa e ainda temas mais cruciais à perspectiva antropológica como definições e articulações entre as categorias natureza e cultura neste contexto.

Tanto o movimento raeliano quanto a antropologia recebem influências significativas do feminismo na formulação de suas questões. Enquanto o raelianismo adota um feminismo¹⁸ raeliano radical, formado por extremos ideológicos, a antropologia convive com dilemas relativos às aproximações e distanciamentos dos valores e argumentos feministas. Início esta reflexão pela relação feminismo – movimento raeliano.

A ética proposta para as mulheres no movimento raeliano herda pontos centrais relacionados ao movimento feminista, esvaziando-o de alguns de seus impasses e sugerindo soluções extremas. Raël sugere como comportamentos legítimos os pontos nevrálgicos dos dilemas feministas, “resolvendo” tensões inerentes ao individualismo moderno ao legitimar ações como o aborto, o encaminhamento de filhos indesejados para adoção, a liberdade de escolha e troca de parceiros, o estímulo ao prazer e ao orgasmo feminino, e mesmo a superação do “castigo da gravidez” (expressão de Raël) pela técnica da clonagem. Predomina

no modelo raeliano um universalismo radical “feminista” acerca do que seja um padrão de “mulheres livres”.

Neste feminismo *raeliano*, os ícones da subordinação feminina – em uma perspectiva européia - são destruídos e substituídos pelo apoio total e irrestrito a todo comportamento libertário das mulheres. Além deste apoio, o movimento age diretamente na sociedade promovendo a adoção deste modelo comportamental por todas as mulheres do planeta, uniforme, independente de variações sócio-culturais. Nenhuma tensão entre o universal e o relativo se sustenta no raelianismo: todas as mulheres devem ser livres tal qual o modelo universal dos *discursos radicais feministas* – já nem tão radicais atualmente - reeditados e incorporados pelo Movimento.

Já na perspectiva de uma antropologia feminista, a articulação entre o feminismo e a antropologia não se resolve de maneira simples. Ora tendendo a uma conciliação e ora encontrando pontos de extrema contradição, as questões feministas e os estudos antropológicos – quando reunidos em uma mesma pesquisa - apresentam tensões entre universalismos e relativismos, intervenção e compreensão, mais uma vez suscitando a questão da *posição* da pesquisadora¹⁹ neste cenário. Ao analisar a “operação genital feminina”, Walley (*apud* LEWIN, 2006²⁰) entende este como um tópico exemplar que visceralmente – nos termos da autora – encapsula a tensão potencial entre feminismo e antropologia.

Abu-Lughod (*apud* LEWIN, 2006) discute o argumento de Marilyn Strathern segundo o qual a relação entre antropologia e feminismo é “desastrada”, “sem jeito” – (awkward, em inglês). Segundo Abu-Lughod, a tese de Strathern pretende provocar uma reflexão sobre os motivos pelos quais os estudos feministas, apesar de sua retórica do radicalismo, falharam na tentativa de alterar a antropologia, e ainda entender porque o feminismo ganhou menos ainda da antropologia do que o contrário.

Em um constante exercício de definição e redefinição de perspectivas, continuamente negociadas com abordagens feministas, a antropologia feminista tem na questão do uni-

versalismo um de seus temas cruciais. Rosaldo (*apud* LEWIN, 2006) em seu artigo *Feminism and Cross-Cultural Understanding* confirma sua posição que compreende como universal a dominação masculina, mesmo reconhecendo diferentes formas de subordinação em mulheres contextos culturais diferenciados. Afirma Rosaldo (*apud* LEWIN, 2006, p. 110):

(...) my reading of the anthropological record leads me to conclude that human cultural and social forms have always been male dominated. (...) I would point to a collection of related facts which seem to argue that in all known human groups – and no matter the prerogatives that women may in fact enjoy – the vast majority of opportunities for public influence and prestige, the ability to forge relationships, determine enmities, speak up in public, use or forswear the use of force are all recognized as men’s privilege and right.

A prática do relativismo própria à antropologia é objeto de suspeição na antropologia feminista quando esta se propõe a colocar em questão a condição universalizada da subordinação feminina. Compreender e explicar comportamentos femininos considerados subalternos coloca-se como um impasse metodológico, tal como acentuado anteriormente no que diz respeito ao tema da operação genital feminina, analisado por Walley.

Ainda entre pontos e contrapontos desta questão, Lewin (2006) destaca o crescimento das discussões acerca do quanto as preocupações feministas dominantes refletem prioridades de um grupo particular de mulheres de “classe média, ‘educadas’ e brancas”, reabrindo as portas do relativismo na antropologia feminista e reacentuando a importância da questão da posicionalidade (*positionality*) na pesquisa neste campo. Estudos em antropologia feminista acentuam aspectos de uma pesquisa sobre “o outro” que em última instância conduz a um entendimento de “si mesmo”. Pesquisas sobre mulheres em diferentes culturas (usualmente não ocidentais no *mainstream*

antropológico) têm como consequência direta e desejada um exercício de caracterização, compreensão e análise da condição da mulher no mundo ocidental.

Diante das questões aqui colocadas, faz-se importante pontuar de que maneira compreendo a relação destes aspectos de uma antropologia feminista com os temas aqui tratados acerca da mulher no Movimento Raeliano. O primeiro ponto que gostaria de retomar é a relação entre a cosmologia raeliana e as idéias feministas. Raël cria uma profecia dos extremos da modernidade, e não é diferente quando trata da mulher. Sendo assim, os modelos comportamentais e os valores raelianos têm como padrão moral tudo que se coaduna com a rejeição de um modelo “tradicional” de mulher. Esta rejeição tem bases religiosas – como no próprio movimento feminista: temas como maternidade, aborto e criação de filhos sofrem forte regulação histórica pelo modelo judaico-cristão e católico.

O controle da sexualidade, especialmente a feminina, é um dos pilares da Igreja Católica, e sua negação faz convergir interesses religiosos raelianos e políticos feministas. Sendo assim, proponho que a questão da mulher seja compreendida como política e religiosamente problemática na cultura ocidental de base cristã, e que esta é uma das razões pelas qual a interseção entre padrões morais - tradicionais e alternativos – convive em sua origem com movimentos políticos e religiosos. No cenário desta pesquisa sobre o Movimento Raeliano a oposição cosmológica é radical: do lado da tradição, a Igreja Católica e movimentos conservadores; no polo oposto em nome da liberdade, o Movimento Raeliano e os movimentos feministas.

Mas se esta oposição radical é clara em termos de uma moral religiosa, nos meandros de escolhas, atitudes e comportamentos tal clareza se desfaz e chego ao segundo aspecto a ser analisado neste tópico. O movimento raeliano adota uma aparente convergência com os valores extremos do feminismo até entrar em questão a Ordem dos Anjos de Raël. A sugestão de servidão incutida neste grupo cria um abismo

radical entre a aparente convergência entre ideias raelianas e feministas. No entanto, entendo que a Ordem dos Anjos acentua uma problemática ainda mais profunda para estudos feministas e antropológicos: mais do que uma iniciativa de dominação masculina, mascarada por um pseudo feminismo, inventada por um profeta considerado “esperto e machista”, a *criação* da Ordem dos Anjos não é nada perto do que representa antropológicamente a *adesão* a ela. Estamos falando de mulheres européias de “classe média, ‘educadas’ e brancas”. No mesmo lócus sociológico de onde surgiram as revoluções feministas, uma forma diferente de autonomia e liberdade é reivindicada por essas mulheres: elas dizem ter o direito de servir a um homem quando desejarem, sem ter seus motivos questionados.

Os Anjos defendem politicamente seu direito a escolher fazer parte desta Ordem, travando uma luta constante com movimentos anti sectários. Seu discurso não é de submissão, mas de direito à escolha pela servidão. Neste sentido, a criação da Ordem por Raël revela um aspecto peculiar do imaginário acerca do feminino na cultura ocidental contemporânea, onde se mesclam liberdades consideradas legitimamente “libertárias” – de acordo com o status quo político-social contemporâneo – e outras “liberdades” incômodas que conduzem a escolhas consideradas “tradicionais” e com tendências a uma nova subalternidade – do ponto de vista tipicamente feminista - reinventada por um discurso da autonomia e entendida como um direito. Estariam o feminismo e a sociedade contemporânea preparados para a reivindicação de mulheres européias ao “direito” de serem “submissas” ao seu profeta?

Na política de adesão a um movimento, seja político ou religioso, diversas representações não totalmente coerentes entre si tendem a compor modos inesperados de articulação entre valores aparentemente contraditórios. Colocam-se lado a lado posturas “inovadoras” e “tradicionais”, forçando-nos a perceber que por mais linear e evolucionista que tenda a ser nossa ótica sobre os fenômenos, a realidade social se recusa a

aderir a tal simplificação. Assim como no movimento raeliano uma ética libertária coaduna-se com uma servidão consentida, outras experiências ajudam-nos a pensar configurações variadas entre elementos postos inesperadamente juntos em contextos sociais diversos.

Em sua pesquisa sobre mulheres ativistas pró e anti aborto na cidade americana de Fargo, Dakota do Norte, Ginsburg (apud LEWIS, 2006) destaca como “chão” destas articulações entre elementos diversos a contínua mediação feita por mulheres entre dois domínios: seu ciclo de vida individual e as condições históricas em rápida mudança. O inesperado neste contexto é o solo comum de defesa de modelos familiares cristãos tanto em ativistas pró quanto anti aborto – “pro choice” e “pro life”. Analisando histórias de vida, Ginsburg encontra em suas informantes ativistas a favor do aborto não uma rejeição do modelo familiar cristão, como seria possível esperar, mas uma releitura dos aspectos importantes na manutenção deste modelo. Na perspectiva de “pro choices” que se declaram cristãs, para que uma família possa ser estruturada, a mulher deve ter o direito de planejar e escolher quando e como ter seus filhos. O aborto é assim incorporado ao modelo cristão, mesmo e apesar da peculiaridade inusitada deste encontro.

A temática do aborto, aparentemente resolvida no movimento raeliano, carrega em si questões importantes para uma tentativa de pensar a mulher ocidental contemporânea. Mesmo consciente do impasse relacionado a esta abusiva generalização, proponho como recorte reflexões próprias de uma antropologia da mulher ocidental, apenas como oposição à clássica antropologia da mulher não ocidental. Mais uma vez coloca-se a questão do impasse das tentativas de universalização do feminino. Ginsburg fala de uma procura pela “verdade sobre a mulher” nas pesquisas antropológicas e constata que seu estudo sobre gênero e seus significados na Cultura Americana levaram-na à conclusão não de uma unidade, mas da multiplicidade de sentidos em questão, ainda mais claramente

visíveis em momentos de dissonância social e cultural, como em torno do tema do aborto.

Na tensão pró e anti aborto, representações do feminino são construídas como modos de explicar a adesão ou rejeição desta prática. No movimento raeliano, o aborto é um tema feminino. Usufruir da liberdade de realizar um aborto representa no raelianismo exercer mais plenamente sua feminilidade. Na experiência analisada por Ginsburg em Fargo, ativistas “pro life” apresentam o argumento radicalmente inverso: a identidade de gênero das mulheres que realizam aborto é questionada por “pro life’s” que as percebem como *masculinas*, por dissociarem prazer sexual e ambições pessoais do campo da procriação e da maternidade. Sua identificação da “verdadeira feminilidade” (GINSBURG *apud* LEWIN, 2006, p. 245) exclui a separação do prazer e das escolhas individuais: nas verdadeiras mulheres, a maternidade é uma prioridade. Quando ela não se coloca como tal, a atitude é considerada masculina.

Maternidade, aborto, gravidez são temas cruciais ao debate feminino, feminista e à antropologia que se ocupa destas questões. Além disso, estes mesmos temas colocam-se como centrais em diferentes grupos religiosos, demarcando fronteiras, proximidades e distanciamentos. Enquanto a cosmologia raeliana tende a dissolver as tensões inerentes a este campo, no cotidiano das mulheres, tais experiências não se realizam com a mesma simplicidade. Mulheres que aderem ao Movimento Raeliano não têm sua história de vida marcada por esta única referência. No campo da adesão, mesclam-se paradigmas sociais, históricos e culturais que fazem parte da luta contínua na tomada de decisões destas (e todas) as mulheres.

Coloca-se então como questão a articulação entre feminismo e individualismo. O individualismo radical é uma sombra que acompanha o desenvolvimento da modernidade. Ao mesmo tempo uma das mais nobres representantes das conquistas modernas, a noção de “indivíduo” de ícone passa

a questão. Ginsburg cita a discussão de Linda Gordon (1982) acerca desta preocupação:

contemporary feminism, like feminism a century ago, contains an ambivalence between individualism and its critique. [Right-to-lifers] fear a completely individualized society with all services based on cash nexus relationships, without the influence of nurturing women counteracting the completely egoistic principles of the economy, and without any forms in which children can learn about lasting human commitments to other people. Many feminists have the same fear (LEWIS, 2006, p. 246).

No feminismo, o tema da plena liberdade de escolha para mulheres – principalmente quando o tema é a maternidade – esbarra em reflexões ideológicas acerca dos mais profundos impasses de projetos incutidos no argumento feminista: fortalecer ou dissolver os laços sociais.

A defesa raeliana de projetos libertários feministas traz como pano de fundo um individualismo pleno, onde nenhum valor histórico-cultural se coloca como impasse na tomada de decisão. O indivíduo raeliano é concebido como absolutamente “livre” de seu passado, sem vínculos familiares constituintes de sua subjetividade – apenas contingentes – sem amarras nacionais, que se faz do “aqui e agora” em diante, com liberdade total e irrestrita de se auto definir, sem culpas ou dilemas éticos. Um indivíduo sem história, sem território, “extraterrestre” – se pensarmos nas possibilidades do termo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os efeitos da proposta raeliana sobre as mulheres que fazem parte do movimento não podem ser resumidos a uma subalternidade. O misto entre libertação e serviço implode associações estabelecidas, e apenas uma investigação mais aprofundada destas experiências poderá oferecer uma imagem mais clara do que está realmente se passando com elas. O sen-

timento de orgulho e felicidade das mulheres na Ordem é inegável, apesar de discutível.

Como suportar no cerne da cultura ocidental que algumas mulheres “européias, brancas e educadas” optem por certas liberdades e certas submissões, ambas em nome das conquistas feministas? Lewin (2006) indica como foco de impasse no campo da antropologia feminista o tema da igualdade em relação ao modelo “ideal” ou “universal” do feminino na sociedade e na cultura. Se as pesquisas antropológicas esperam, na maior parte das vezes, lidar com esta questão fora de suas fronteiras “nativas” ocidentais, o movimento raeliano, genuinamente europeu, enquanto estrangeiro e ao mesmo tempo nativo, colapsa fronteiras de familiaridade e estranhamento, colocando em cheque modelos feministas e femininos de igualdade.

Notas

- 1 Com 60 000 adeptos em todo o planeta de acordo com seus números oficiais, o Movimento Raeliano realiza eventos anuais nos cinco continentes. Estes eventos são chamados Seminários (Awakening Seminars) e têm duração média de uma semana. Abertos ao público, são compostos por meditação, palestras, shows e festas que promovem o estilo de vida raeliano.
- 2 Estas categorias serão analisadas ao longo do artigo como categorias nativas articuladas à noção raeliana de feminilidade.
- 3 De acordo com Raël, a palavra hebraica “Elohim” presente na Bíblia significa “aqueles que vieram do céu” e sempre se referiu aos Criadores Extraterrestres que foram desde então equivocadamente confundidos com Deuses.
- 4 O evento que projetou o Movimento Raeliano na mídia internacional foi o anúncio do (suposto) nascimento do primeiro clone humano, por eles denominado Eve, em 26 de dezembro de 2002. Desde então, o tema clonagem humana usualmente conduz à referência ao Movimento Raeliano.
- 5 A profecia de Raël indica um momento de retorno dos Elohim à Terra, quando os mesmos voltariam a viver entre os humanos terrestres. A previsão inicial é de que isto aconteça em 2035. Para

- tal, lideranças do movimento contactam diversos países solicitando acolhimento ao pedido de construção de uma Embaixada para os criadores da humanidade. O Movimento Raeliano recolhe contribuição financeira de seus membros para a construção desta Embaixada e já desenvolveram seu projeto de arquitetura.
- 6 Sobre o tema da manipulação mental no contexto das seitas na França ver Birman (2005) e Hervieu-Léger (2004).
 - 7 Shows e festas são elementos de destaque na experiência raeliana. Mais do que puro entretenimento, estes eventos lúdicos e prazerosos são a expressão mais forte da incorporação do ethos do movimento nos corpos de seus participantes. Exibindo-se ou compartilhando das festas, cada um experimenta nestas performances rituais o que verdadeiramente significa “ser raeliano”.
 - 8 Ninguém se aproxima de Raël sem ser convidado. Mantendo uma aura de celebridade em torno de si, o Profeta é protegido por seguranças e mesmo no cotidiano do Seminário explora aparições destacadas e entusiasticamente preparadas.
 - 9 Em um dos casos de dissidentes raelianos apresentados por Susan Palmer em seu trabalho sobre o Movimento é o do casal Legendre e Louise. Sobre a situação específica de Louise, afirma um dos entrevistados: “*She was insulted publicly by Raël. He said, pointing to her, ‘She’s not beautiful! Some women, when they come into the movement are not beautiful, but after a while they begin to look nice. But not her’*” PALMER, 2004, p. 164). A beleza de Louise – ou sua ausência – aparece neste caso como um indicador de implicação verdadeira com a Mensagem raeliana. Uma mulher pode até mesmo chegar ao Movimento sem ser bonita, mas com o tempo a mensagem raeliana transforma a pessoa e ela se torna bonita. “Mas não Louise” – e essa era uma forma de Raël questionar seu envolvimento e insultá-la como mulher raeliana.
 - 10 O movimento raeliano utiliza um calendário próprio que toma o ano de 1945, ano de explosão da Bomba de Hiroshima, como ano Ido calendário raeliano que utiliza como indicação cronológica as letras AH – After Hiroshima. De acordo com Raël, este ano deve ser lembrado como um marco para as reflexões acerca dos poderes destrutivos da ciência, convidando a “humanidade” a refletir sobre seus valores e princípios.
 - 11 Trecho da mensagem dos Elohim, em brochura oferecida aos participantes do Seminário.
 - 12 Segundo Raël, como o método de crescimento acelerado a gravidez não será mais necessária. No Planeta dos Elohim ele afirma ter visto

a criação de clones adultos através deste método. Após a fecundação, o corpo é submetido a um processo de crescimento acelerado e em minutos atinge o formato de um adulto. Este método possibilita a vida eterna dos Eternos pois neste corpo adulto são inseridos os dados de personalidade da pessoa clonada que passa a viver normalmente sua vida adulta, eternamente.

- 13 No Seminário Europeu 2005, diferentes pessoas procuraram Andressa oferecendo trabalho ou procurando trocar experiências sobre um mesmo campo de atuação profissional. Palmer (2004) também indica esta relação em seu livro sobre o Movimento Raeliano.
- 14 A linguagem da “beleza” não é obviamente exclusiva das relações raelianas. O Movimento captura esta dinâmica de relações mediadas pela “beleza” pertinente a diversos contextos culturais, e acentuada pela mídia de massa onde a estética é um ícone de grande relevância, e a intensifica de várias maneiras.
- 15 Desde seu segundo contato com os Elohim em 1975, Raël afirma que estes falam diretamente através dele. Ele não teve mais nenhum encontro desde esta data, mas apresenta novas mensagens que se manifestam diretamente por sua boca. Na mensagem de 1975, os Elohim dizem que a partir de agora “vêm pelos olhos de Raël” e “falam pela sua boca”.
- 16 Brigitte Boisselier é a responsável pelos projetos de clonagem desenvolvidos pelo Movimento Raeliano e foi ela quem anunciou o nascimento de Eva, o primeiro clone humano. Dentro do Movimento Brigitte é um Anjo nível 5, e a responsável planetária pelo desenvolvimento da feminilidade.
- 17 A referência às “gueishas” explicita um modelo de refinamento do feminino servil que acentua aspectos da contradição inerente entre “liberdade” e submissão na Ordem, bem como a tensão entre uniformização e singularização – dicotomia que se repete com frequência na cosmologia e no ethos raeliano.
- 18 Assim como o feminismo radical propôs uma igualdade entre os gêneros sem diferença a partir de uma equalização do modelo estético e comportamental “masculino” (mulheres sem maquiagem, usando calças e cabelo curto), no movimento raeliano o “feminino” também opera sobre a anulação da diferença, mas pelo modelo “caricatural” do feminino, expresso em gestos refinados e cuidados estéticos para homens e mulheres.
- 19 Neste tópico adoto a tendência da antropologia feminista de referir-se às pesquisadoras usando o feminino do termo.

20 LEWIN, Edith (ed.). *Feminist Anthropology: a reader*. Blackwell Publishing, 2006.

Referências

ABU-LUGHOD, Lila. *Writing Against Culture* em LEWIN, Ellen (ed.) *Feminist Anthropology: a reader*. Blackwell Publishing, 2006.

BIRMAN, Patrícia. *Fazendo estilo e criando gêneros: possessão e diferenças de gênero em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relime Dumará / EdUERJ, 1995.

BIRMAN, Patrícia. *Fronteiras espirituais e fronteiras nacionais: o combate às seitas na França*. *Revista Mana*, 11 (1): 7-39, 2005.

BIRMAN, Patrícia. *Futilidades levadas à sério: o candomblé como uma linguagem religiosa do sexo e do exótico*, em VIANNA, Hermano (org.) *Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2003.

CARRARA, Sérgio. *A geopolítica simbólica da sífilis: um ensaio de antropologia histórica*. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Nov 1996, vol.3, no.3, p. 391-408.

CHRYSSIDES, George D. e WILKINS, Margaret (ed.). *A reader in New Religious Movements*. Londre e Nova Iorque: Continuum Books, 2006.

COELHO, Maria Cláudia. *“Um Brilho Especial”: o universo dos jovens atores*, em VIANNA, Hermano (org.) *Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2003.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. *Ethos privado e justificação religiosa. Negociações da reprodução na sociedade brasileira*. Em HEILBORN, Maria Luiza (et al.) *Sexualidade, família*

e ethos religioso. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005.

DUARTE, Luiz Fernando. O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental, em HEILBORN, Maria Luiza (org.). Sexualidade: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade. Volume 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GINSBURG, Faye. Procreation Stories: reproduction, nurturance and procreation in life narratives of abortion activists em LEWIN, Ellen (ed.) Feminist Anthropology: a reader. Blackwell Publishing, 2006.

GIUMBELLI, Emerson. Religião e Sexualidade: convicções e responsabilidades. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. France's Obsession with the "Sectarian Threat", em LUCAS, Phillip Charles e ROBBINS, Thomas. New Religious Movements in the Twenty-First Century: legal, political and Social Challenges in Global Perspectives. Nova Iorque e Londres: Routledge, 2004.

LEWIN, Ellen (ed.) Feminist Anthropology: a reader. Blackwell Publishing, 2006.

LUNA, Naara. Religiosidade no contexto das novas tecnologias reprodutivas. Paper apresentando no Seminário Relações familiares, sexualidade e religião. RJ, 2004.

MACHADO, Carly. Religião na Cibercultura: navegando entre novos ícones e antigos comandos. Religião e Sociedade. Volume 23. Número 2. Ano 2003.

MOUTINHO, Laura. Homossexualidade, cor e religiosidade: flerte entre o "povo de santo" no Rio de Janeiro, em HEILBORN, Maria Luiza (et al.). Sexualidade, Família e Ethos Religioso. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade masculina e experiência religiosa pentecostal, em HEILBORN, Maria Luiza (et al.). *Sexualidade, Família e Ethos Religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

PALMER, Susan. *Aliens Adored: Raël's UFO religion*. Rutgers University Press. New Brunswick, New Jersey, and London. 2004.

PALMER, Susan. The Raël Deal. RELIGION IN THE NEWS. Summer 2001, Vol. 4, No. 2. Disponível em: <http://www.trincoll.edu/depts/csrpl/RINVol4No2/Raël.htm>. Data do acesso: 11 de julho de 2004.

PELS, Peter & MEYER, Birgit. *Magic and Modernity: interfaces of revelation and concealment*. Stanford University Press. Stanford, California, 2003.

PISCITELLI, Adriana, GREGORI, Maria Filomena e CAR-RARA, Sérgio (org). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SIBILA, Paula. *O Homem Pós Orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

STRATHERN, Marilyn. *Reproducing the future: essays on anthropology, kinship and the new reproductive technologies*. Manchester University Press, 1992.

STRATHERN, Marilyn. *The Gender of the Gift: problems with women and problems with society in Melanesia*. University of California Press. Berkeley – Los Angeles – London. 1988.

THOMPSON, Charis. Strategic Naturalizing: kinship in an infertility clinic em LEWIN, Ellen (ed.) *Feminist Anthropology: a reader*. Blackwell Publishing, 2006.

WALLEY, Christine J. Seraching for “Voices”: feminism, anthropology, and the global debates over female genital operations em LEWIN, Ellen (ed.) *Feminist Anthropology: a reader*. Blackwell Publishing, 2006.

Literatura nativa:

RAËL. A Mensagem transmitida pelos Extra Terrestres. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2003a.

RAËL. Sim, clonagem humana! Porto Alegre: Imprensa Livre, 2003b.

RAËL. *Sensual Meditation* (2002). E-book. Download: <www.rael.org> 09-04-2005.

RAËL'S ANGELS: ANALYSIS OF ETHIC AND AESTHETIC CONTRADICTIONS OF THE CONCEPT OF "FEMININITY" IN THE RAE LIAN MOVEMENT.

Abstract: The valorization of the "feminine", intrinsic to the raelian message, turns explicit important and controversial questions. If by one hand the Movement suggests a libertarian morality to women, on the other hand, side by side with this "freedom" it's possible to find a modern project of a permissive submission, represented by the Raël's Order of Angels – a group of women that voluntarily offer themselves, including sexually, to the Raël Prophet. These women's volunteer adhesion to the Order of Angels and their interest in developing "femininity", considered a raelian value, are this article's principal focus. Based on a brief rereading of the feminist anthropology, some important aspects referred to the question of "woman" are here analyzed, mostly those related to the "post-feminism" European culture. The tension between freedom of choice and submission guide this analysis which seeks in meanders of modern conceptions of individuality and autonomy the meaning of these women's servile choice.

Keywords: *Femininity. Feminist anthropology. Religion. Modernity.*

* Antropóloga, doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Possui pós-doutorado no Institute on Human Condition and Globalization da McMaster University, Canadá. É professora adjunta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Participa dos Núcleos de Pesquisa CULTIS (Núcleo de Pesquisa em Cultura, Identidade e Subjetividade) da UFRRJ e Religiosidade no Meio Urbano da UERJ.